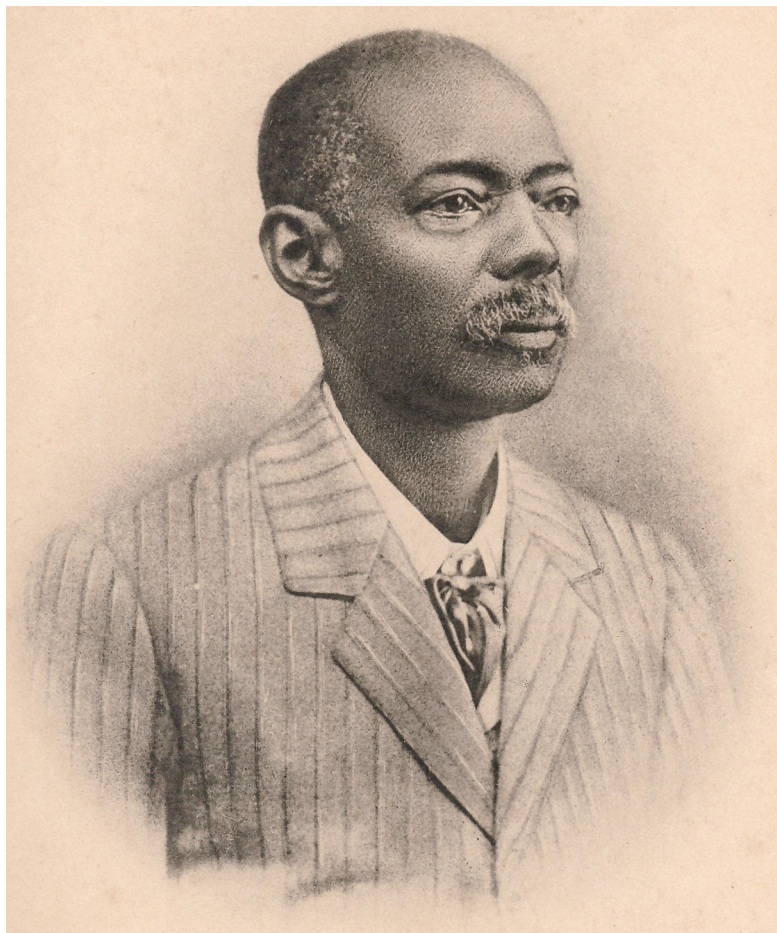


*coleção acervo brasileiro*

# MANUEL QUERINO

## O COLONO PRETO COMO FATOR DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA



*cadernos do mundo inteiro*

*Coleção acervo brasileiro*

Volume 5

**O COLONO PRETO COMO FATOR  
DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA**

**MANUEL QUERINO**

*Projeto editorial integral*

**Eduardo Rodrigues Vianna**

*Imagem da capa*

Retrato de Manuel Querino. Consta da segunda edição do livro *Artistas baianos*, de 1911, cuja publicação foi realizada pelas Oficinas Gráficas A Bahia. Não nos foi possível, infelizmente, recuperar o nome do fotógrafo.

**CADERNOS DO MUNDO INTEIRO**

[www.cadernosdomundointeiro.com.br](http://www.cadernosdomundointeiro.com.br)

2017

Jundiaí, SP

# Sumário

<b>ESTE DOCUMENTO</b> . . . . .	<b>iv</b>
<b>1 Portugal no meado do séc. XVI</b> . . . . .	<b>1</b>
<b>2 Chegada do africano no Brasil, suas habilitações</b> . . . . .	<b>5</b>
<b>3 Primeiras ideias de liberdade, o suicídio e a eliminação violenta dos senhorios</b> . . . . .	<b>10</b>
<b>4 Resistência coletiva, Palmares, levantes parciais</b> . . . . .	<b>13</b>
<b>5 As juntas para as alforrias</b> . . . . .	<b>16</b>
<b>6 O africano na família, seus descendentes notáveis</b> . . . . .	<b>19</b>
<b>RECURSOS EDUCACIONAIS ABERTOS, REA</b> . . . . .	<b>22</b>

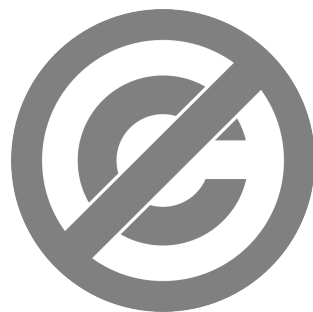
## ESTE DOCUMENTO

**M**anuel Raimundo Querino (1851-1923) foi um dos mais interessantes polímatas do Brasil, e um precursor em termos de cultura. Escritor, abolicionista engajado, e professor do que era à época o ensino técnico, Querino notabilizou-se como ensaísta de uma nascente antropologia brasileira, disposto à controvérsia sobre o que deveria ser uma visão satisfatória com respeito à relação entre raça e nacionalidade, e autor de livros didáticos, para formar desenhistas profissionais como ele próprio. Folclorista, para utilizar um termo às vezes depreciado na atualidade, interessou-se pela cultura popular especialmente na Bahia: é dele o grande livro *A Bahia de outrora*, publicado em 1916 pela Livraria Editora Econômica, em que procede a uma historiografia da cultura segundo o elemento etnográfico, particularmente africano — ou brasileiro de vertente africana, porque Querino enxergava em maior medida o tema da nacionalidade, assim como o das classes sociais, em sendo um entusiasta do movimento operário. Foi um dos fundadores do Partido Operário da Bahia, mutualista, de um caráter mais beneficente que revolucionário ou reformista, com um contingente grande de trabalhadores negros. O partido fragmentou-se em vários "rachas", e Querino engajou-se num de seus ramos mais devotados à difusão da cultura. No plano antropológico, opôs-se às teorias racialistas do maranhense Nina Rodrigues, para quem a mestiçagem era um dado desfavorável na construção do Brasil.

Neste pequeno ensaio, que consta dentre os documentos do 6º Congresso Brasileiro de Geografia, em 1918, o autor discute a negritude como fator de civilização nacional, estabelecendo o negro como um colono, o ente que confere à terra o sentimento e o significado humanos de modo permanente em termos de economia e cultura, muito embora a reivindicação abolicionista de uma reforma agrária em benefício da

população de ex-escravos não fosse nunca satisfeita. O negro brasileiro reivindicado por Querino tem o talento da civilização, a vocação da civilização, em detrimento do português, corajoso e hábil no exercício da força, mas um péssimo colonizador, inimigo das artes, da imprensa, da indústria etc. De um modo mais abrangente, Querino não enxerga o negro brasileiro como um africano desterrado, mas, a certa altura, como um ser profundamente nacional, fundador da nacionalidade, a rocha sobre a qual o grande povo brasileiro está assentado. Para ele, a miscigenação tão própria do Brasil é forte e boa porque o negro terá sido o seu vetor principal: também este é o fator da civilização nacional apontado pelo autor.

A obra de Manuel Querino encontra-se em domínio público. Esta edição foi realizada como um material de trabalho para estudantes e professores, e está igualmente oferecida, é claro, a todas as pessoas que apreciam o melhor da literatura produzida em nosso país, ou que desejam conhecê-la. Por este motivo quis o editor concentrar-se sobre a obra propriamente dita, mantendo-a simples e *limpa*, por assim dizer, sem agregar ensaios ou bibliografias. Não é difícil na atualidade encontrar artigos e bibliografia sobre um escritor importante, de maneira que o nosso único propósito é o de fazer edições novas de grandes autores nacionais, de diversos períodos da vida brasileira.



**Domínio público.**  
*A utilização do texto é livre,  
para todas as finalidades.*

## **ORIGENS DESTE CADERNO**

Este texto foi publicado por primeira vez em 1918, por ocasião do 6º Congresso Brasileiro de Geografia, e consta de um livro póstumo de Manuel Querino, *Costumes africanos no Brasil*, provavelmente a sua obra mais lida na atualidade. A primeira publicação desse livro é de 1938, pela editora Civilização Brasileira; a seleção dos textos foi feita pelo psiquiatra, psicólogo, etnógrafo e folclorista Arthur Ramos, outro grande estudioso da brasilidade — parece-nos justo apontá-lo como um discípulo de Querino. Como parâmetro para a publicação deste documento, utilizamos uma edição aparecida em 1980, no nº 13 da revista *Afro-Ásia*, do Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO), Universidade Federal da Bahia.

# 1

## PORTUGAL NO MEADO DO SÉC. XVI

PERDIDAS AS PRETENSÕES DE DOMÍNIO, por infrutíferas que foram as resoluções audaciosas de altos cometimentos no Oriente, as vistas da metrópole se voltaram, esperançosas, para a América Portuguesa. Escreveu eminente publicista lusitano, tratando da colonização do Brasil:

“Legislamos, como se foram os portugueses de além-mar os párias da metrópole. Governamos como se o Brasil fosse apenas uma herdade onde trouxéssemos agages obscuros e oprimidos jornaleiros.<sup>1</sup> Defendemos-lhe a comunicação, e o trato de gentes peregrinas. Reduzimos a estanco e monopólio grande parte das suas mais valiosas produções.<sup>2</sup>

“Proibimos-lhe que erigisse um tear, uma forja, uma oficina.

“Declaramos por atentado que um só prelo difundisse timidamente a sua luz naquelas regiões escurecidas. Condena-

---

<sup>1</sup>Os agages obscuros e os oprimidos jornaleiros, isto é, aqueles cuja vida se limita a seguir a quem manda e os *jornaleiros*, assalariados, porque o termo *jornal* significava também salário, pagamento regular ou irregular pelo trabalho. E de Portugal vinham também muitos criminosos condenados. [Nota do Editor.]

<sup>2</sup>Entre 1709 e 1808, o isolamento do Brasil, imposto por Portugal, incluía a proibição de quaisquer contatos com outros países, além da indústria, da imprensa, e até de um sistema de justiça, mesmo havendo uma classe rica no Brasil, uma classe endinheirada genuinamente brasileira. O nosso caso é único, no amplo universo colonial do continente americano: inclusive para tratar de pequenos litígios era preciso que viesse um juiz português, um “juiz de fora”. De fato, a clausura brasileira se associa diretamente a muitos dos problemas na atualidade, ou molda, com a violência da escravidão e sua *normalidade*, um certo espírito nacional, muito aquém do que necessitaríamos para fazer a sociedade brasileira prosperar em termos sociais, econômicos, culturais etc. [N. do E.]

mos, por subversivas, as sociedades literárias.<sup>3</sup>

“Receamos que a mínima ilustração do pensamento nos roubasse a colônia emancipada”.

E ajuntava o mesmo escritor:

“O que nos sobra em glória de ousados e venturosos navegantes, míngua-nos em fama de enérgicos e previdentes colonizadores. Conquistamos a Índia para que estranhos a lo-grassem.

“Devassamos a China, para que utilizassem depois os seus comércios.

“Levamos ao Japão o nosso nome para que outros mais felizes implantassem naquela terra singular os primeiros rudimentos da Civilização Ocidental. Lustramos a África para que alheios povos, tachando-nos de inertes e remissos, nos disputássemos o que não soubemos aproveitar.

“Dos infindos territórios que a nosso poderio avassalamos, resta-nos apenas no Oriente quanto de terra era sobeja para cravar como histórica tradição, a bandeira nacional”.<sup>4</sup>

A respeito da ação civilizadora dos portugueses no Oriente escreveu ainda notável historiador patricio:

“Os portugueses foram, sem dúvida, bons soldados e bons marinheiros empreendedores, valentes e denodados, porém nunca foram conhecidos senão como conquistadores. Conquistaram grande parte da África e da Ásia, e de suas conquistas só sabemos que tantos mil mouros ou índios se tinham deixado degolar impunemente por tantos centos de portugueses, em tal ou qual parte.

---

<sup>3</sup>Prelo: imprensa, isto é, esteve proibida no Brasil colonial a atividade da imprensa, para produzir tanto jornais quanto livros. [N. do E.]

<sup>4</sup>Latino Coelho, *Elogio Histórico de José Bonifácio*, Lisboa, 1877. [Nota do Autor.]



“Das regiões mais distantes apenas conhecíamos as riquezas que serviam de estímulo à cobiça dos novos argonautas; nada sabíamos que pudesse interessar às ciências e às artes, até que outros povos participassem igualmente de seus despojos: foi então que pudemos conhecer as produções da natureza naqueles variados climas.

“Leiam-se as crônicas daqueles tempos, consultem-se os historiadores mais fiéis e se verá a longa série de façanhas ao lado de uma descrição pomposa de um rei prisioneiro ou convertido à fé pela espada de um aventureiro. Ruínas e sepulcros foram os monumentos que deixaram na Índia os portugueses: muita glória, se queremos, e nada mais”.<sup>5</sup>

Decidiu-se, pois, a metrópole portuguesa a recuperar no Brasil o que perdera no Levante, e aqui os recursos de toda a ordem poderiam satisfazer às necessidades do momento, e, bem assim, assegurar-lhe próspero futuro.

Nessa faina, porém, de dobrar cabos e desbravar territórios infínitos, em proveito alheio, esterilizou-se toda a febre de grandezas e poderio da nação portuguesa, muito embora nas signas das suas caravelas se envolvessem a “cupidez, ganância, fome de ouro, sede de conquista”.<sup>6</sup>

Iniciada a colonização com os piores elementos da metrópole, o índio insubmisso revoltou-se contra a tirania e a injustiça de que fora vítima, com a exploração da sua atividade nos trabalhos da lavoura.

Começaram então as lutas para a submissão dos silvícolas, as quais nem os próprios jesuítas conseguiram obstar ou atenuar.

O que a Companhia de Jesus conseguia com brandura persistente, com sua palavra repassada de carinho e de meiguice, o colonizador português ia destruindo pelo terror e pelo domínio da força. De um lado, o afago e o desejo de uma aliança fraternal e durável; do outro, o cas-

<sup>5</sup>General Abreu e Lima, *Esboço histórico, político e literário do Brasil*. [N. do A.]

<sup>6</sup>Guerra Junqueiro, *Discurso republicano*. [N. do A.]

tigo, as torturas, as sevícias, os tormentos inconcebíveis. O regimento dado a Tomé de Sousa, primeiro governador, determinava: “Mais entretanto que negociar as pazes, faça o governador por colher às mãos alguns dos principais que tiverem sido cabeças dos levantamentos, e os mande enforcar por justiça nas suas próprias aldeias”.

Com semelhante modo de colonizar, preferiram, pois, os pobres índios americanos refugiar-se entre os animais bravios, onde a liberdade fosse o mais valioso apanágio da sua vida errante. O parasitismo alçou o colo, deu combate em campo raso com o apoio do governo, que participava dos lucros auferidos.

Por isso, o colono branco vinha com o espírito atormentado pela ganância, repetindo o estribilho da mãe-pátria:

*“Toda a prata que fascina  
Todo o marfim africano  
Todas as sedas da China”.*

Com ansiedade devastadora atirou-se à empresa, confiante no resultado imediato. “Em todas as colônias espanholas e portuguesas, um subsolo riquíssimo em minerais movia as ambições do imigrante.

“Só vinha para a América o homem tangido de esperanças e preocupações de fortuna rápida e fácil. Nenhum sentimento superior o animava: nem mesmo o sentimento da liberdade.

“O próprio despotismo era aceitável se se conciliava com o interesse do momento”.<sup>7</sup>

Mal sucedido com o indígena que abandonara o litoral para embrenhar-se na floresta virgem, a metrópole mudou de rumo, e, a exemplo de outras nações da Europa, e de parceria com o árabe, firmou o seu detestável predomínio no celeiro inesgotável que fora o Continente Negro, arrancou dali o braço possante do africano para impulsionar e intensificar a produção de cereais e da cana-de-açúcar, e desentranhar do seio da terra o diamante e metais preciosos.

---

<sup>7</sup>Rocha Pombo, *História do Brasil*. [N. do A.]

## 2

# CHEGADA DOS AFRICANOS NO BRASIL, SUAS HABILITAÇÕES

A HISTÓRIA NOS AFIRMA QUE, muito antes da era cristã, os árabes se haviam introduzido nos sertões do Continente Negro, e com maior atividade no século VII.

Missionários muçulmanos internaram-se em alguns pontos da África, semeando os germens da civilização, abolindo a antropofagia e a abominável prática dos sacrifícios humanos.

Levando-se em conta o grau de cultura atingindo por esses invasores, com tais predicados, não resta a menor dúvida de que foram eles os introdutores dos conhecimentos indispensáveis ao modo de viver do africano nas florestas, nas planícies, nas matas, nas montanhas, vigiando os rebanhos, cultivando os campos, satisfazendo assim as necessidades mais rudimentares da vida. Acrescente-se a essa circunstância a fundação de feitorias portuguesas em diversos pontos do Continente, e, chegar-se-á à conclusão de que o colono preto, ao ser transportado para a América, estava já aparelhado para o trabalho que o esperava aqui, como bom caçador, marinheiro, criador, extrator do sal, abundante em algumas regiões, minerador de ferro, pastor, agricultor, mercador de marfim etc. Ao tempo do tráfico, já o africano conhecia o trabalho da mineração, pois lá abundava o ouro, a prata, o chumbo, o diamante e o ferro.

E como prova de que ele de longa data conhecia diversas aplicações materiais do trabalho veja-se o que diversos exploradores do Continente Negro dizem de referência ao que sobre o objeto encontraram.

“Em Vuane Kirumbe vimos uma forja indígena, onde trabalhavam cerca de uma dúzia de homens. O ferro que se empregava era muito puro e com ele fabricavam os grandes ferros para as lanças de Urega meridional, facas de uma polegada e meia de extensão, até o pesado cutelo em forma de gládio romano.<sup>1</sup>

“A arte de ferreiro é muito apreciada nestas florestas, onde, em consequência do seu isolamento, as aldeias são obrigadas a fazer tudo. Cada geração aprende por sua vez os processos tradicionais, que são numerosos, e mostram que o próprio homem das solidões é um animal progressivo e perfectível”.<sup>2</sup>

“Conhecem também os processos necessários para o fabrico de aço, pela combinação do ferro com o carbono e a têmpera”.<sup>3</sup>

Para a exploração das minas na África precedia consulta aos deuses do feiticismo. Satisfeita esta pela afirmativa, iniciavam as obrigações, com danças, feitura de ebós, matança de aves e animais para o melhor êxito da empresa. Às vezes, não faltavam também os sacrifícios humanos.

Em meio do seu regozijo exclamavam: “Devemos cavar a terra para enriquecer”.

Não contentes com escravizar o índio brasileiro, destruindo-lhe tribos e nações inteiras, como se deu no Maranhão e no Pará, como se fez no Guairá, na zona do sul, no século XVII, e porque o escravo indígena era muito inconstante e menos seguro, sobre ser uma propriedade muito controvertida entre os colonos e as autoridades, voltaram

---

<sup>1</sup>Urega, na atualidade, é um território pertencente à República Democrática do Congo. Outra referência a Vuane Kirumbe como um centro de metalurgia, para apontar o africano escravizado e trazido ao Brasil como alguém com elevados conhecimentos técnicos, consta da obra de Luís Amaral, *História geral da agricultura brasileira no tríplex aspecto político-social-econômico*, São Paulo: São Paulo Editora S. A., São Paulo, 1958, p. 14. [N. do E.]

<sup>2</sup>Stanley, *Através do Continente Negro*, vol. 2, p. 362. [N. do A.]

<sup>3</sup>Capello e Ivens, *De Benguela às Terras de Yacca*, vol. 1, p. 105. [N. do A.]

os colonizadores do Brasil vistas cobiçosas para as terras da África e daí retiraram a mais rica mercadoria que lhes não forneciam os silvícolas americanos. Os portugueses saídos de uma zona temperada para se estabelecerem em um clima ardente, diverso do da metrópole, seriam incapazes de resistir ao rigor dos trópicos, de desbravar florestas e arrotear as terras sem o concurso de um braço mais afeito à luta nessas regiões esbraseadas e combatidas pelo impaludismo<sup>4</sup> devastador.

Ao reinol, pois, que trazia o propósito de enriquecer com menos trabalho, fácil lhe foi encontrar nisto razão e justificativa para se utilizar do colono negro, adquirido na África.

Sem isso, difícil senão impossível era pegar no País a colonização com elemento europeu, tanto mais quanto ao iniciar-se esta, afora os serventuários da alta administração, as primeiras levas eram de degredados, de indivíduos viciosos e soldados de presídio.

Foi, portanto, mister importar desde cedo, o africano e dentro em pouco tempo os navios negreiros despejavam na metrópole da América Portuguesa e em outros pontos centenas e centenas de africanos, destinados aos trabalhos da agricultura e a todos os outros misteres. As próprias expedições bandeirantes não lhe dispensavam o concurso, pois que de quanto podia servir o negro nada se perdia.

A primeira folheta de ouro encontrada na margem do Rio Funil, em Ouro Preto, coube a um preto bandeirante; bem como a descoberta do diamante Estrela do Sul.<sup>5</sup> Laborioso como era, muito embora com o corpo seveciado pelos açoites do feitor, estava sempre o escravo negro, obediente às suas determinações, com verdadeiro estoicismo.

---

<sup>4</sup>Febre amarela. [N. do E.]

<sup>5</sup>Há uma espécie de lenda em torno a esse grande diamante que, bruto, tinha mais de 245 quilates. A sua descobridora teria sido uma escrava chamada Rosa, na beira do Rio Bagagem, em 1853, e o senhor, em reconhecimento pelo seu feito, ter-lhe-ia oferecido a alforria, além de uma pensão vitalícia. Outra versão da história contava pelo povo dá que Rosa, na verdade, guardou o diamante, com o objetivo de comprar a liberdade para si e para o seu amado, que também era escravo, mas o senhor descobriu-a, e mandou matá-la. Cabe a quem está lendo decidir qual dos dois casos é verdadeiro, embora, provavelmente, sejam ambos inventados. [N. do E.]

No fim do século XVII começou a exploração das minas. O tráfico africano aumentou de intensidade, e as entradas do colono preto no País foram muito maiores. Cresceu portanto a cobiça, e o parasitismo tomou o aspecto de uma instituição social, com todo o cortejo de vícios e maldades.

No domínio espanhol, a plebe que na terra natal “grunhia na mais negra miséria, buscando no furto e na mendicidade diversão e remédio às torturas da fome, mas, julgando sempre o trabalho abaixo da sua dignidade”, igualmente assumia proporções arrogantes de nobreza e valimento.

A ideia de riqueza fácil banira da mente do aventureiro faminto o amor do trabalho, que era considerado uma função degradante. Por mais respeitável que fosse a ocupação era ela desprezada pelos reinóis de pretensões afidalgadas. Esta circunstância, porém, favoreceu aos homens de cor nas aplicações mecânicas, e mesmo algumas liberais, cuja aprendizagem valia como um castigo infligido aos humildes, como se fora ocupação infamante. Só a estes era dado trabalhar. “Foi sobre o negro, importado em escala prodigiosa, que o colono especialmente se apoiou para o arrotear dos vastos territórios conquistados no Continente sul-americano. Robusto, obediente, devotado ao serviço, o africano tornou-se um colaborador precioso do português nos engenhos do Norte, nas fazendas do Sul e nas minas do interior”.<sup>6</sup>

Com esse elemento, o reinol ambicioso e traficante viu crescer a febre da descoberta dos diamantes e do ouro. “Luxava-se por ingênu

---

<sup>6</sup>Na teoria social brasileira, encontraremos o pensamento radical, extremamente rigoroso e firme, de Manoel Bomfim (1868-1932), médico, psicólogo, historiador e pedagogo, talvez o primeiro verdadeiro revolucionário brasileiro. Para ele, o que define a formação do Brasil, e dos demais países latino-americanos, são a supremacia e o mando de uma *casta parasitária*, a dos colonizadores que deram ensejo às classes dominantes locais, alheia aos problemas do povo e subserviente ao mundo rico, desde o princípio proprietária de escravos, criadora e disseminadora de um *parasitismo social e moral*. Apontou a educação pública em larga escala como a chave para edificar um grande Brasil. Mais tarde, Bomfim faria uma retificação ao seu pensamento político: o que redimiria o Brasil não seria a educação, mas a revolução social, revolução popular. Recomendamos o seu livro *América Latina: males de origem* (1905), disponível pela Biblioteca Virtual de Ciências Humanas do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, edição de 2008. [N. do E.]

vaidade, por exagerada ostentação, por vanglória de enricados, por tédio, sobretudo”. Uma testemunha da época escreveu: “Vestem-se as mulheres e filhos, de toda a sorte de veludos, damascos e outras sedas; e nisto têm grandes excessos”.

“São sobretudo dados a banquetes, e bebem cada ano dez mil cruzados de vinho de Portugal e alguns anos houve que beberam oitenta mil cruzados dados em rol. Banquetes de extraordinárias iguarias... E agasalham em leitos de damasco carmesim, franjado de ouro e ricas colchas da Índia”.<sup>7</sup>

Sem esquecimento, já se vê dos serviços de prata, palanquins, cavalos de preço com os respectivos guiões e selas de ouro, tudo adquirido pelo esforço do herói do trabalho que era o africano escravo, dócil e laborioso; pois o reinol acostumara-se a gozar o fruto do trabalho sem sentir-lhe o peso.

---

<sup>7</sup>Oliveira Lima, *Aspectos da literatura colonial brasileira*. [N. do A.]

### 3

## PRIMEIRAS IDEIAS DE LIBERDADE, O SUICÍDIO E A ELIMINAÇÃO FÍSICA DOS SENHORIOS

O CASTIGO NOS ENGENHOS E FAZENDAS, se não requintava, em geral, em malvadez e perversidade, era não raro severo, e por vezes cruel. Mas apontavam-se com repulsa social os senhores que disso abusavam. Ora era o escravizado preso, conduzido pelo capitão do mato, que o obrigava a acompanhar os passos da cavalgadura; ora eram dois possantes escravizados de azorrague em punho a açoitarem a um parceiro, cortando-lhe as carnes, até expirar, na presença do algoz, que assistia satisfeito àquela cena de canibalismo, vaidoso da sua incontida prepotência.

Ali, um escravizado preso ao tronco e às vezes pelo pescoço, sob a ação do suplício da fome e da sede, sem conseguir alcançar o alimento ou o vaso de água colocados propositadamente fora do alcance das mãos, enquanto os roedores mordiam-lhe os pés.

Depois, é uma vítima que esteve no vira-mundo,<sup>1</sup> amarrada ao costado de um animal e mandada atirar longe do povoado, para sucumbir à míngua de qualquer recurso.

A nostalgia apoderou-se dos infelizes; e o filho do deserto adusto, recordando a impetuosidade do vento, o murmúrio brando da cascata,

---

<sup>1</sup>Instrumento de tortura, consiste de hastes de ferro com encaixes para prender os punhos e os tornozelos próximos uns dos outros, de maneira que o corpo da vítima fique dobrado. [N. do E.]



o eco adormecido das florestas do torrão natal, angustiado pelo rigor da escravidão cruel, mortificado de pesares, uma única ideia lhe perpassava na mente, um pensamento único lhe assaltava o espírito: a ideia sacrossanta da liberdade que ele tinha gravada no íntimo de sua alma.

E houve quem se apiedasse do seu infortúnio consagrando-lhe estes consoladores versos:

Nas minhas carnes rasgadas,  
Nas faces ensanguentadas  
Sinto as torturas de cá;  
Deste corpo desgraçado  
Meu espírito soltado  
Não partiu — ficou-me lá!

Naquelas quentes areias,  
Naquela terra de fogo,  
Onde livre de cadeias  
Eu corria em desafogo...  
Lá nos confins do horizonte...  
Lá nas planícies... no monte...  
Lá nas alturas do Céu...  
De sobre a mata florida  
Esta minha alma perdida  
Não veio — só parti eu.

A liberdade que eu tive  
Por escravo não perdia-a;  
Minh'alma que lá só vive  
Tornou-me a face sombria  
O zunir do fero açoite  
Por estas sombras da noite  
Não chega, não, aos palmares

Lá tenho terra e flores...  
Minha mãe... os meus amores...  
Nuvens e céus... os meu lares.<sup>2</sup>

E como conquistar a liberdade?

Como adquiri-la ou reavê-la?

Os mais impacientes atiravam-se à correnteza dos rios ou às águas revoltas do mar, atenazados por desespero sem nome, na incerteza de obter o bem perdido, sem a mais tênue miragem da esperança, sob a esmagadora persuasão de ressuscitarem na terra amada.

“Seis escravos cantavam, como se nunca tivessem sentido a sua abjeção, nem o peso do forçado que tinha no pescoço.

“Perguntei-lhes a causa da sua alegria: eles responderam-me que se regozijavam de vir depois da morte, atormentar e matar aqueles que os tinham vendido.”<sup>3</sup> Os estrangulamentos voluntários, as bebidas tóxicas e suplícios outros foram os mais prontos recursos de que lançaram mão para extinguir uma existência tão penosa. Depois, entenderam os escravizados que o senhorio era quem deveria padecer morte violenta, a que se entregavam os infortunados cativos.

Não vacilaram um instante e puseram em prática os envenenamentos, as trucidações bárbaras do senhorio, dos feitores e suas famílias. Era a vingança a rugir-lhes na alma; era a repulsa provocada pelos desesperos que lhes inspirava o horror da escravidão. A perversidade de trato contra os escravizados torturava o paciente, e ao espírito lhe acudia a represália mais extravagante.

Reconhecida, porém, a ineficácia de todas essas violências, o próprio africano recuou de horror, tomando por outro rumo.

Recorreram então à fuga e à resistência coletiva, escondidos nas brenhas, onde organizaram verdadeiros núcleos de trabalho.

---

<sup>2</sup>José Bonifácio, o Moço. *Saudades do escravo*. [N. do A.]

<sup>3</sup>David Livingstone, *Explorações Africanas*. [N. do A.]

## 4

# **RESISTÊNCIA COLETIVA, PALMARES, LEVANTES PARCIAIS**

DE QUANTOS MARTÍRIOS AQUI acabrunharam o coração da raça africana, teve esta, no entanto, um momento de expansivo desafogo, quando, desertando os engenhos e fazendas, os escravos constituíram a confederação de Palmares, em defesa de sua liberdade.

A Roma antiga, que tantos povos escravizou, viu um dia, estupefata e aterrada, um Espártaco à testa de um exército de escravos.

No Brasil a escravidão também impeliu o africano a suas revoltas, e ao seu desforço. Lá foi a guerra servil com todos os seus horrores; em Palmares os elementos aí congregados não tiveram por alvo a vingança: bem ao contrário, o seu objetivo foi escapar à tirania e viver em liberdade, nas mais legítimas aspirações do homem.

Os escravos gregos eram instruídos, tanto nos jogos públicos como na literatura, vantagens que o africano escravizado na América não logrou possuir, pois o rigor do cativo, que não consentia o menor preparo mental, embotava-lhe a inteligência. Sem embargo, mostrou-se superior às angústias do sofrimento, e teve gestos memoráveis de revolta, buscando organizar sociedade com governo independente. Conhecia as organizações guerreiras e se dispôs para a defesa de sua cidadela de Palmares, e para as incursões oportunas no território vizinho e inimigo.

Não desprezava as melodias selvagens adaptadas aos seus cantos de guerra.

O escravo grego ou romano, abandonando o senhorio, não cogitava de se organizar em sociedade regular, em território de que porventura se apoderava; vivia errante ou em bandos entregues à pilhagem.

A devastação, de que se fizeram pioneiros os escravos romanos, inspirava terror a todos os que tinham notícias de sua aproximação. Os fundadores de Palmares não procederam de igual modo; procuraram refúgio no seio da natureza virgem e aí assentaram as bases de uma sociedade, a imitação das que dominavam na África, sua terra de origem, sociedade, aliás, mais adiantada do que as organizações indígenas. Não era uma conquista movida pelo ódio, mas uma afirmação legítima do desejo de viver livre, e, assim, possuíam os refugiados dos Palmares as suas leis severas contra o roubo, o homicídio, o adultério, as quais na sua vida interna observavam com rigor.

Não os dominava o ódio contra o branco; perdoaram e esqueceram mágoas, pondo-se a salvo, pelo amor da liberdade, pois que toda a sua aspiração cifrava-se na alegria de viver livre.

Na sociedade de Palmares não medravam os vagabundos e malfeitores; a vida de torturas das senzalas substituíra-se pelo conforto natural e aparelhado.

Quando o civilizado chegava até a entrar em dúvida, se o africano ou o índio tinha alma e os mais tolerantes mal a concediam somente depois de batizado, o filho do Continente Negro dava provas de que a possuía, revoltando-se com indignação contra a iníqua opressão de que era vítima, e impondo à força a sua liberdade e independência.

“De todos os protestos históricos do escravo, Palmares é o mais belo, o mais heroico. É uma Troia negra, e sua história uma *Ilíada*”.<sup>1</sup>

“Palmares formam a página mais bela do heroísmo africano e do grande amor da independência que a raça deixou na América”.<sup>2</sup>

A derrota de Palmares estimulou o senhorio no jugo ferrenho em que trazia o escravizado; era a reação requintada pela previsão do perigo. O escravo do Recôncavo da Bahia, principalmente, era, no geral,

<sup>1</sup>Oliveira Martins, *Portugal e as Colônias*. [N. do A.]

<sup>2</sup>Rocha Pombo, *História do Brasil*, vol. 2. [N. do A.]

mal alimentado e não raro, por vestuário, possuía apenas a tanga de tênue pano de aniagem.

Mas o africano escravo não descansava, mantinha firme a ideia de conquistar a liberdade perdida, por qualquer meio. O governador Conde da Ponte, em 1807, ordenara medidas severas contra os quilombos, que se multiplicavam em desmedida. Tornaram-se os senhores ainda mais cruéis, ao mesmo passo que aumentava o rancor e despertava a sede de vingança nos infelizes. Prova-o a série crescente de levantes, em toda a parte, qual mais, qual menos importante, seguidos de morticínios. A coragem dos revoltados, a serviço da liberdade própria, não media sacrifícios, não se conformava com o injusto sofrimento. Era preciso lutar, e lutar muito atendendo à desigualdade de condições.

“Incendiado o ódio implacável no peito desses míseros humanos, pelos bárbaros castigos e maus tratos que lhes infligiam os senhores, era natural que explodisse uma conspiração infernal. Em 28 de fevereiro de 1814, na Bahia, flagelados pela fome e desesperados pelo excesso de trabalho e pela habitual crueldade dos feitores, rebelaram-se e, armados, assaltaram as casas e senzalas das armações, em Itapuã.<sup>3</sup>

“As tropas da Legião da Torre tiveram no mesmo dia vários encontros com os rebeldes junto de Santo Amaro de Ipitanga.

“Os pretos investiam contra elas tão desesperados e embravecidos que só cediam na luta quando as balas os prostravam em terra”.<sup>4</sup>

A tropa, como de costume, procurava agir sem fazer mortandade no intuito de poupar aos senhores a perda dos seus escravos rebeldes. Mas estes preferiam perder a vida, lutando pela sua liberdade, e batendo-se com denodo, desesperadamente. Não foram poucos os Espártacos africanos que no Brasil preferiram a morte ao cativeiro.

---

<sup>3</sup>Esse Conde da Ponte, a que Querino se referiu no parágrafo anterior, foi um governador violento contra os quilombos: dedicou-se praticamente a isto entre 1805 e 1809. A revolta dos escravos de 1814 foi dirigida por haussás, muçulmanos sunitas provenientes da Nigéria. Em mais de um sentido os revoltosos de 1814 foram precursores do que seria o movimento de 1835 — chamado “malê”, embora este não seja um nome muito exato. [N. do E.]

<sup>4</sup>Dr. Caldas Britto, *Levantes de pretos na Bahia*. [N. do A.]

## 5

# AS JUNTAS PARA AS ALFORRIAS

EXTENUADO POR UMA SÉRIE DE LUTAS constantes, cerceado por todos os meios, em suas aspirações, mas firme, resoluto, confiante em seu ideal, o africano escravo não se desiludiu, não desesperou; tentou outro recurso, na verdade, mais conforme com o espírito de conservação — a confiança no trabalho próprio.

Conta-nos o infortunado escritor Afonso Arinos, no excelente artigo *Atalaia Bandeirante*, que a igreja de Santa Ifigênia, no Alto da Cruz, em Minas, guarda a lenda de um rei negro e toda a sua tribo, transportada para aquele Estado como escravos, e “nivelados pelo mesmo infortúnio soberano e vassallos, estes guardaram sempre ao rei a antiga fé, o mesmo amor e obediência”.

E acrescenta o mesmo escritor:

“A custa de um trabalho insano, feito nas curtas horas reservadas ao descanso, o escravo rei pagou a sua alforria.

“Forro, reservou o fruto do seu trabalho para comprar a liberdade de um dos da tribo; os dois trabalharam juntos para o terceiro; outros para o quarto, e assim, sucessivamente, libertou-s e a tribo inteira. Então, erigiram a capela de Santa Ifigênia, princesa da Núbia.

“Ali, ao lado do culto à padroeira, continuou o culto ao rei negro, que, pelos seus, foi honrado como soberano e legou às gerações de agora a lenda suave do Chico-Rei”.

Praticavam aqui na Bahia, quase o mesmo, os africanos. Ainda não existiam as caixas econômicas, pois que a primeira fundada na Bahia data de 1834, não se cogitava ainda das caixas de emancipação e das sociedades abolicionistas, antes mesmo de se tornar tão larga como depois se tornou a generosidade dos senhorios, concedendo cartas de alforria ao festejarem datas íntimas, e já havia as caixas de empréstimo, destinadas pelos africanos à conquista de sua liberdade e de seus descendentes, caixas a que se denominavam “Juntas”.

Com esse nobilíssimo intuito reuniam-se sob a chefia de um deles, o de mais respeito e confiança, e constituíam a caixa de empréstimos. Tinha o encarregado da guarda dos dinheiros um modo particular de notações das quantias recebidas por amortização e prêmios.

Não havia escrituração alguma; mas, à proporção que os tomadores realizavam as suas entradas, o prestamista ia assinalando o recebimento das quantias ou quotas combinadas, por meio de incisões feitas num bastonete de madeira para cada um.

Outro africano se encarregava da coleta das quantias para fazer entrega ao chefe, quando o devedor não ia levar espontaneamente ao prestamista a quota ajustada.

De ordinário, reuniam-se aos domingos para o recebimento e contagem das quantias arrecadadas, comumente em cobre, e tratavam de assuntos relativos aos empréstimos realizados.

Se o associado precisava de qualquer importância, assistia-lhe o direito de retirá-la, descontando-se-lhe, todavia, os juros correspondentes ao tempo. Se a retirada do capital era integral, neste caso, o gerente era logo embolsado de certa percentagem que lhe era devida, pela guarda dos dinheiros depositados. Como era natural, a falta de escrituração proporcionava enganos prejudiciais às partes.

Às vezes, o mutuário retirava o dinheiro preciso para sua alforria, e, diante os cálculos do gerente, o tomador pagava pelo dobro a quantia emprestada.

No fim de cada ano, como acontece nas sociedades anônimas ou de capital limitado, era certa a distribuição de dividendos. Discus-

sões acaloradas surgiam nessa ocasião, sem que todavia os associados chegassem às vias de fato, tornando-se desnecessária e imprópria a intervenção policial.

E assim auxiliavam-se mutuamente, no interesse principal de obterem suas cartas de alforria, e dela usarem como se se encontrassem ainda nos sertões africanos. Resgatavam-se, pelo auxílio mútuo ao esforço paciente, esses heróis do trabalho.



## 6

# O AFRICANO NA FAMÍLIA, SEUS DESCENDENTES NOTÁVEIS

*“Percorrendo a história, deixando iluminar-nos a frente a luz amarelenta das crônicas, não sabemos ao certo quem maior influencia exerceu na formação nacional desta terra, se o português ou o negro. Chamado para juiz nesta causa, necessariamente o nosso voto não pertence ao primeiro.”*

Alexandre Mello Moraes Filho

A AGRICULTURA FOI A FONTE inicial e perene da riqueza do País.

Orientada por processos acanhados, rotineiros e superficiais, nem por isso deixou de medrar e desenvolver-se sob a atividade e influxo do trabalho escravo. Todo o esforço físico do africano caracterizava-se na ideia de se aproveitar a maior soma de produção agrícola, donde os colonizadores pudessem colher farta messe de proventos, e só depois de delida a resistência muscular do escravizado pelos rigores do eito e da canícula, e, sobretudo, pela idade, é que se lhe permitia, em paga de tantas fadigas, entregar-se a outros misteres no interior dos lares, e isso quando a morte o não surpreendia em meio dos rudes labores dos campos.

Uma vez removido para o lar doméstico, o escravo negro, de natureza afetiva, e, no geral, de boa índole e com a sua fidelidade à toda a prova, a sua inteligência, embora inculta, conquistava a estima dos

seus senhores pelo sincero devotamento, e sua dedicação muitas vezes até ao sacrifício. Foi no lar do senhorio que o negro expandiu os mais nobres sentimentos de sua alma, colaborando, com o amor dos pais, na criação da tenra descendência dos seus amos e senhores, com o cultivo da obediência, do acatamento, do respeito à velhice e inspirando simpatia, e mesmo amor a todas as pessoas da família.

As mães negras eram tesouro de ternura para os senhores moços no florescimento da família dos seus senhores.

Desse convívio no lar, resultaram as diversas modalidades do serviço mais íntimo, surgiram então a mucama de confiança, o lacaios confidente, a ama de leite carinhosa, os pajens, os guarda-costas e criados de estima.

Trabalhador, econômico e previdente, como era o africano escravo, qualidade que o descendente nem sempre conservou, não admitia a prole sem ocupação lícita e, sempre que lhe foi permitido, não deixou jamais de dar a filhos e netos uma profissão qualquer. Foi o trabalho do negro que aqui sustentou por séculos e sem desfalecimento, a nobreza e a prosperidade do Brasil: foi com o produto do seu trabalho que tivemos as instituições científicas, letras, artes, comércio, indústria etc, competindo-lhe, portanto, um lugar de destaque, como fator da civilização brasileira.

Quem quer que compulse a nossa história certificar-se-á do valor e da contribuição do negro na defesa do território nacional, na agricultura, na mineração, como bandeirante, no movimento da independência, com as armas na mão, como elemento apreciável na família, e como o herói do trabalho em todas as aplicações úteis e proveitosas. Fora o braço propulsor do desenvolvimento manifestado no estado social do país, na cultura intelectual e nas grandes obras materiais, pois que, sem o dinheiro que tudo move, não haveria educadores nem educandos: feneceriam as aspirações mais brilhantes, dissipar-se-iam as tentativas mais valiosas. Foi com o produto do seu labor que os ricos senhores puderam manter os filhos nas universidades europeias, e depois nas faculdades de ensino do País, instruindo-os, educando-os,

donde saíram veneráveis sacerdotes, consumados políticos, notáveis cientistas, eméritos literatos, valorosos militares, e todos quantos ao depois fizeram do Brasil colônia, o Brasil independente, nação culta, poderosa entre os povos civilizados.

Do convívio e colaboração das raças na feitura deste País, procede esse elemento mestiço de todos os matizes, donde essa plêiade ilustre de homens de talento que, no geral, representaram o que há de mais seleta nas afirmações do saber, verdadeiras glórias da nação. Sem nenhum esforço pudemos aqui citar o Visconde de Jequitinhonha, Cetano Lopes de Moura, Eunápio Deiró, a privilegiada família dos Rebouças, Gonçalves Dias, Machado de Assis, Cruz e Souza, José Agostinho, Visconde de Inhomirim, Saldanha Marinho, Padre José Maurício, Tobias Barreto, Lino Coutinho, Francisco Glicério, Natividade Saldanha, José do Patrocínio, José Teófilo de Jesus, Damião Barbosa, Chagas o Cabra, João da Veiga Murici e muitos outros, só para falar dos mortos. Circunstância essa que nos permite asseverar que o Brasil possui duas grandezas reais: a uberdade do solo e o talento do mestiço.

Tratando-se da riqueza econômica, fonte da organização nacional, ainda é o colono preto a principal figura, o fator máximo.

São esses os florões que cingem a fronte da raça perseguida e sofredora que, a extinguir-se, deixará imorredouras provas do seu valor incontestável que a justiça da história há de respeitar e bendizer, pelos inestimáveis serviços que nos prestou, no período de mais de três séculos.

Com justa razão disse um patriota:

“Quem quer que releia a história

Verá como se formou

A nação, que só tem glória

No africano que importou”.

# RECURSOS EDUCACIONAIS ABERTOS, REA

Em junho de 2012, houve um Congresso Mundial de Recursos Educacionais Abertos, reunido pela UNESCO na capital da França. Resaltamos este aspecto da Declaração de Paris:

*REA são materiais de ensino, aprendizagem e investigação em quaisquer suportes, digitais ou outros, que se situem no domínio público ou que tenham sido divulgados sob licença aberta que permite acesso, uso, adaptação e redistribuição gratuitos por terceiros, mediante nenhuma restrição ou poucas restrições. O licenciamento aberto é construído no âmbito da estrutura existente dos direitos de propriedade intelectual, tais como se encontram definidos por convenções internacionais pertinentes, e respeita a autoria da obra.*

**Acesse [aberta.org.br](http://aberta.org.br)**

# **CADERNOS DO MUNDO INTEIRO**

[www.cadernosdomundointeiro.com.br](http://www.cadernosdomundointeiro.com.br)

---

Este documento foi composto com a tecnologia  $\text{T}_{\text{E}}\text{X}/\text{L}^{\text{A}}\text{T}_{\text{E}}\text{X}$ . A fonte empregada é Fourier New Century Schoolbook, nos tamanhos 25 para os títulos e 14/18 para os textos, sobre desenho tipográfico de Morris Fuller Benton, Estados Unidos, 1919.